Coleções e arquivos virtuais públicos: objetivação e cultivação das práticas colecionistas

*Collections and public virtual archives: objectification and cultivation of
collecting practices*

José Rogério Lopes

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/8498>

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrônica

José Rogério Lopes, « Coleções e arquivos virtuais públicos: objetivação e culturação das práticas colecionistas », *Ponto Urbe* [Online], 26 | 2020, posto online no dia 28 julho 2020, consultado o 05 agosto 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/8498> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.8498>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 agosto 2020.

This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Coleções e arquivos virtuais públicos: objetivação e cultivação das práticas colecionistas¹

Collections and public virtual archives: objectification and cultivation of collecting practices

José Rogério Lopes

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 03/04/2020

Aceitação / Accepted 01/07/2020

Introdução

- ¹ O presente artigo traça um recorte dos dados de um projeto de pesquisa realizado entre 2014 e 2018, o qual objetivou investigar a potencialização de projetos individuais e coletivos de colecionadores contemporâneos na ressignificação dos processos de patrimonialização cultural. O foco do projeto foram os agenciamentos de atores/colecionadores não institucionalizados, que utilizam mediações tecnológicas e relativizam concepções de originalidade, ancestralidade, autenticidade, memória e identidade, característicos dos tradicionais repertórios coletivos ou institucionais. A pesquisa supôs que esses agenciamentos se orientam por hierarquias assimétricas a reger as classificações das mentalidades colecionistas, na atualidade, marcadas por registros híbridos e elaborações coletivas que evidenciam uma “heterogeneidade multitemporal” das culturas (Canclini 1997), produzindo demandas que afetam o escopo dos dispositivos institucionais das políticas culturais².

- 2 A abordagem do fenômeno foi orientada por um estudo comparativo de três contextos, inicialmente (Canela, RS; Mariana, MG; São Luiz do Paraitinga, SP), através do método etnográfico, com ênfase na análise situacional (Van Velsen 1987). O desenvolvimento da pesquisa implicou em ampliar depois as investigações para um quarto contexto (Taubaté, SP).
- 3 Desde as primeiras interpretações dos dados coletados na pesquisa, algumas noções tornaram-se referenciais importantes de análise e propiciaram refletir sobre os propósitos que caracterizam os colecionadores, em suas redes de interação mediadas pelos objetos e as coleções: trama cultural, gesto arquivístico (Candau 2016); cumplicidade colaborativa, encenações, desejos de arquivo (Travancas, Rouchou, Heymann 2013); excesso de memória (Nora 1993), ficções contemporâneas do arquivo (Assis 2017); imaginações desestabilizadoras de evidências históricas (Naidu 2010) e ilusões situacionais (Lopes 2017).
- 4 A trama tecida nas interações com os colecionadores permitiu reconhecer alguns processos de singularização que envolvem a aplicação dessas noções, nas possibilidades de correspondência entre os objetos colecionados e as biografias de colecionadores. Dessas singularizações, evidenciaram-se os “contratos de visibilidade” (Passeron 1991)³ estabelecidos nas redes de sociabilidade dos colecionadores e os elementos que configuram quadros de experiência (*frames*) (Goffman 2012) colecionistas, em arranjos situacionais. Das correspondências estabelecidas, conclui que os quadros de experiência colecionistas reproduzem ilusões situacionais de contenção dos sentidos de realidade e ação, mas podem ser ressignificados em ilusões coletivas, que abrem o sentido de realidade para novas possibilidades de ação (Lopes 2017)⁴.
- 5 Ocorre que, durante entrevistas realizadas com vários colecionadores de Mariana, foi recursivamente indicada a referência de um grupo no Facebook, do qual participavam, intitulado “Mariana do fundo do baú”. As indicações de quatro colecionadores, Márcio E. de Souza e Élcio P. Rocha (fotógrafos profissionais estabelecidos na cidade), Elias Lyon (artista plástico) e Marcelo C. Petrus (metalúrgico aposentado da Alcan), convergiam com a ideia de que a página do grupo no Facebook compunha um arquivo virtual de imagens antigas da cidade⁵; já as indicações de Márcilio G. V. Queiroz (ex-Secretário de Cultura de Mariana) e de Luciene G. Santos (pedagoga e proprietária de uma loja) remetiam à ideia de que a página “iniciava uma exposição virtual de fotos antigas de Mariana”, segundo relatou Luciene (entrevistas realizadas em 08 e 09/07/2015).
- 6 Por indicação de Luciene, encaminhei solicitação de inclusão no grupo, aceita em agosto de 2015, e segui acompanhando as postagens na página até a atualidade, embora tenha cessado a coleta de dados em 2018. A inclusão no grupo propiciou receber por e-mail os avisos de postagem de imagens, os comentários e outros acessos agenciados na página. As postagens mais significativas eram arquivadas virtualmente, através das ferramentas “Salvar a publicação” e “Adicionar a uma coleção”, disponíveis no Facebook.
- 7 Em incursões de campo posteriores, apresentei a esses colecionadores as postagens que havia arquivado e discuti com eles alguns aspectos que considerava relevantes para a pesquisa. Márcio, Élcio e Luciene foram os interlocutores mais constantes, enquanto os demais participaram menos, justificando compromissos em alguns períodos de campo. Elias Lyon, todavia, fez questão de ceder seu arquivo pessoal de fotografias antigas de Mariana, gravadas em um CDrom. Essas discussões foram importantes porque os

colecionadores expressaram a importância do desapego naqueles que cediam fotografias para a página do grupo. À medida em que a cessão das fotografias as tornava públicas, o desapego que caracteriza a ação flexibilizava a correspondência entre os objetos colecionados e as biografias de colecionadores. Disso resultou a constatação de que as fotografias na página não se confundiam com as coleções particulares, modificando o caráter dos procedimentos de uma etnografia em arquivos pessoais (Heymann 2013)⁶, para procedimentos centrados nos propósitos do grupo e na manutenção da página no Facebook.

- 8 Essa constatação, então, implicou em deslocar o foco da coleta de dados, dos propósitos dos colecionadores para a cultura das práticas de colecionismo, através de procedimentos agenciados no ambiente virtual do grupo. O acompanhamento do grupo veio se dando, a seguir, com nova orientação: as imagens salvas no Facebook, em arquivos de coleções separadas, permitiram sistematizações regulares desses agenciamentos (trimestrais, até 2017, depois semestrais), nas quais se buscou reconhecer as características das postagens realizadas nos períodos, de maneira a estabelecer critérios para uma tipificação e análise. As primeiras sistematizações permitiram reconhecer uma estratégia ampliada e coletiva do projeto do grupo na ressignificação local dos processos de patrimonialização cultural.
- 9 Por fim, quando realizava o que seriam as últimas imersões em campo, em 2017, nas quais discuti com os colecionadores que compunham a pesquisa o reconhecimento dessa ressignificação, recebi mensagens de e-mail de parentes de Taubaté (SP), com convites para acessar e me incluir em um outro grupo do Facebook, intitulado “Resgatando Taubaté: ontem, hoje e sempre”. As primeiras visitas à página do grupo possibilitaram perceber postagens e registros similares ao do grupo de Mariana. Solicitei a inclusão no grupo e passei a acompanhar as postagens, seguindo a nova orientação dada à pesquisa. Como se tratava de um contexto exterior ao campo de pesquisa, até então, as discussões sobre as sistematizações das postagens arquivadas se restringiram a poucos membros do grupo (alguns parentes e colegas docentes da universidade local), pelo aplicativo Messenger. Entretanto, após cerca de um ano de sistematizações, e já estabelecidas algumas correspondências com as estratégias de ressignificação patrimonial da cidade, registradas na pesquisa em Mariana, realizei uma entrevista com o principal administrador do grupo, Luiz Issa, na qual discutimos os procedimentos de administração das postagens na página do Facebook⁷. Nesse período, inclusive, digitalizei e postei no grupo algumas fotografias antigas da cidade, relacionadas à perspectiva de ressignificação patrimonial, aproveitando posteriormente uma dessas postagens para análise, como inserida e identificada na próxima seção do artigo. Nas demais inserções de postagens aqui selecionadas, mantive o anonimato dos membros, uma vez que o foco da coleta e análise dos dados centrou-se nos processos de constituição desses arquivos virtuais.
- 10 Das correspondências estabelecidas entre esses grupos elaborou-se o presente artigo, que propõe abordar as práticas coletivas de postagem de imagens de cidades na web, visando constituir arquivos virtuais públicos e estabelecer reflexividades sobre as memórias locais e seus regimes de valor. Aqui, analisa-se os agenciamentos operados coletivamente nessas páginas no Facebook. O foco desta análise objetiva evidenciar que, para além dos agenciamentos das memórias locais e seus propósitos, tais arquivos virtuais públicos configuram um campo coletivo de criação, através de procedimentos que tipificam, incentivam e dinamizam uma cultura das práticas colecionistas.

- 11 A orientação desse recorte segue a elaboração de Simmel (2005) de que o objeto cultural surge mediante a atuação de diversas pessoas e de que os elementos que o objetivam se reúnem segundo uma lógica e intenção de formação, de forma que o valor cultural dos mesmos será acrescido de forma proporcional ao acesso que os sujeitos mantêm em relação à obra, ao que podem levar dela consigo, criando assim outras sínteses e entrelaçamentos.

Arquivos virtuais públicos: cultivação coletiva de imagens, memórias e coleções

- 12 O primeiro caso de arquivo virtual configura-se em torno do grupo “Resgatando Taubaté: ontem, hoje e sempre”, criado na plataforma do Facebook⁸.

IMAGEM DA PÁGINA DO GRUPO, NO FACEBOOK

- 13 O grupo tem atualmente (21/08/2018) 45.056 membros⁹ e é administrado por cinco pessoas. Entre os administradores está Luiz Carlos Issa, 51 anos, aposentado da Polícia Militar de São Paulo, criador do grupo. Segundo Luiz, a “página tem um ano de criação, mas eu já fazia este trabalho em uma outra, fora o tempo de Orkut, quando poucas pessoas pensavam neste tipo de produto”¹⁰.

Luiz Issa

Criou **Resgatando Taubaté , Ontem, Hoje e Sempre** em 6 de dezembro de 2013

- 14 Segundo o descritor do grupo, no Facebook, o mesmo convida os membros para uma viagem no tempo, temas dos mais variados serão apresentados, mostrar uma Taubaté que muitas pessoas, apesar de morarem anos ou até terem nascidos aqui, não conhecem. Uma das únicas exigências é a proibição de propagandas comerciais, mas valem aquelas de outrora. Nosso foco ? TAUBATÉ !

- 15 Luiz já administrava uma página no Facebook dedicada a agenciar imagens da cidade, desde 06 de dezembro de 2013, mas é a partir da ativação de uma página coletiva, quando os demais administradores passam a participar do grupo, em junho de 2017, que o grupo ganha dinâmica e o número de seus membros cresce rapidamente. Segundo Luiz, “Diria que é a continuação de um trabalho, divulgação é o diferencial, quem não se comunica não é conhecido. Foi utilizado Instagram para isto, muitos aderiram ao ver algumas fotos por lá”.
- 16 Além do Instagram, Luiz e os demais administradores utilizam também o WhatsApp para realizar divulgações da página, difundindo imagens antigas da cidade, no formato de cartões personalizados com o endereço do grupo no Facebook.

IMAGEM ANTIGA DA CIDADE (CAPELA DO PILAR) AGENCIADA PELOS ADMINISTRADORES NOS APLICATIVOS.

FONTE: ARQUIVO DE LUIZ ISSA (CEDIDA PELO AUTOR).

- 17 No mesmo WhatsApp, eles mantêm um grupo de conversa para avaliarem regularmente as postagens e a dinâmica da página no Facebook. Nessas conversas, segundo Luiz, discutem a adequação ou inadequação das postagens e os procedimentos de manutenção do grupo. E aqui, tanto esta discussão quanto os procedimentos de manutenção do grupo interessam muito à análise. Seguem alguns exemplos, desde postagens publicadas por administradores do grupo, na página:

Administrador · 20 de julho de 2018

Lar Santa Verônica, quem tem histórias desse lugar?

Comentários

... "Solenemente inaugurado por D. Epaminondas Nunes de Ávila e Silva (1869-1935) primeiro Bispo da Diocese de Taubaté, criada em 1909, a qual governou durante vinte e cinco anos (1919-1934), funcionou o orfanato “Santa Verônica”, desde a sua fundação – a ...

larescolasantaveronica.blogspot.com

História e Desafios

... Nossa quanta cultura obrigado, este grupo é uma verdadeira aula de história!!

Luiz Issa

Administrador · 19 de julho de 2018

PROCURAM-SE

Estamos a procura de fotos de Taubaté, aquelas de acervo da família, onde cito como exemplo:

CTI em construção, Embarque de passageiros na Estação de trens, fotos das Lojas Glória (trabalhei 02 anos lá), Sincorá Motos onde ocorreram campeonatos de Motocross, fotos ou filmagens dos túneis da CTI, etc...

Comentários

... Tenho ainda inúmeras fotos, que começam na década de 1900 e, se houver interesse, posso ir anexando aos poucos.

Luiz Issa

Administrador · 18 de julho de 2018

Bom dia! Agradecer os acessos ao grupo, os membros que estão adicionando os seus contatos e amigos, vocês que fazem a nossa divulgação, em nome do Staff fica o nosso agradecimento!!

Edifício Félix Guisard C.T.I. em feliz registro fotográfico de E..., Instagram @...

- 18 Na medida em que a adequação ou inadequação de postagens refere-se às imagens, essa avaliação busca orientar a “viagem no tempo” sugerida no descritor do grupo, pela inclusão ou exclusão dos “temas variados apresentados para mostrar uma Taubaté que muitos não conhecem”. Dessa forma, os procedimentos de manutenção do grupo são empreendidos conforme variem as temáticas das imagens postadas, assumindo lógicas distintas, conforme a posição, ou situação, do membro do grupo que agencia uma determinada imagem.
- 19 O segundo caso de arquivo virtual configura-se em torno do grupo “Mariana do fundo do baú”, também criado na plataforma do Facebook¹¹.

IMAGEM DE ABERTURA DA PÁGINA DO GRUPO, NO FACEBOOK.

- 20 O grupo tem atualmente (21/08/2018) 5.531 membros¹² e é administrado por três pessoas, contando com mais três moderadores. Entre os administradores está Flávio de Almeida, advogado e funcionário da Universidade Federal de Ouro Preto, criador do grupo em 19 de fevereiro de 2014. Os demais administradores passam a participar do grupo em 19 e 20 de fevereiro de 2014¹³.

Flávio Almeida

Criou **Mariana do Fundo do Baú** em 19 de fevereiro de 2014

- 21 Segundo o descritor do grupo, no Facebook, o objetivo da proposta é reunir e disponibilizar “Fotos antigas de Mariana, seus moradores e eventos da cidade. Respeite o trabalho do fotógrafo. Sempre que possível, poste fotos com o crédito”.
- 22 Este descritor é complementado por um texto postado pelo criador do grupo, três meses após sua criação, onde ele explica a motivação da proposta.

Flávio Almeida

Administrador · 4 de maio de 2014

Pois, é! De uma simples ideia, a um sucesso absoluto. De nativos a pessoas que adotaram Mariana como seu lar. De marianenses "ausentes", que já não moram na cidade, o grupo Mariana do Fundo do Baú se tornou o hit da cidade. Em pouquíssimo tempo, quase 1000 membros e, todo dia, diversas solicitações de novos membros.

Vendo as postagens de fotos antigas de [LS](#), [MP](#), [CC](#), [Marcio Eustaquio de Souza & Cia Ltda.](#) e a repercussão que essas fotos tinham, pensei em juntar tudo em um só lugar, onde os marianenses pudessem juntar acervos fotográficos, memórias e saudades. Conversando em particular com eles, coloquei a ideia em prática.

Além de tudo isso, vejo as postagens, comentários e compartilhamentos ultrapassarem as fronteiras do Facebook e chegarem a comemorações e rodas de amigos diversas. E marianenses de todos os tempos interessados em entrar, participar, curtir, comentar, ajudar a esclarecer dúvidas de datas e pessoas e a espalhar a ideia.

Vamos abrir as gavetas e os baús e resgatar a história de nossa cidade, de nossos fotógrafos, historiadores e contadores de histórias e “estórias”, porque não?

PS: Lembrem-se, ao compartilhar, de deixar as fotos em “Público”, senão muitos ficam sem poder ver.

Além de tudo isso, vejo as postagens, comentários e compartilhamentos ultrapassarem as fronteiras do Facebook e chegarem a comemorações e rodas de amigos diversas. E marianenses de todos os tempos interessados em entrar, participar, curtir, comentar, ajudar a esclarecer dúvidas de datas e pessoas e a espalhar a ideia. Vamos abrir as gavetas e os baús e resgatar a história de nossa cidade, de nossos fotógrafos, historiadores e contadores de histórias e “estórias”, porque não? 😊

- 23 Algumas reações e comentários ao texto de Flávio confirmam o acolhimento da proposta:

... Parabéns, [Flávio Almeida](#). A idéia foi excelente, na verdade uma grande necessidade para que as atuais gerações conheçam as histórias e estórias que aconteceram nestas terras através das imagens.

... Amo " Mariana do fundo do baú" , pois de uma simples foto, quantas histórias...

... Quero parabenizá-lo, [Flávio Almeida](#), pela iniciativa e brilhante ideia. As redes sociais são um excelente veículo de divulgação desse acervo fotográfico que ficaria desconhecido, caso não houvesse esse espaço. Deixo meu abraço a você, e a todos os Marianenses, de nascimento ou de coração.

... Flávio, parabéns pela genial e significativa ideia. Essa comunidade era o que nos faltava no Facebook.. Através dessas fotos memorialistas, todos que amamos Mariana, incondicionalmente, nos reencontramos na saudade e carinho que sempre nos uniu no passado e para sempre.

- 24 A página do grupo no Facebook também expõe registros de discussão acerca da adequação ou inadequação das imagens postadas. Sobretudo, os comentários das fotos buscam regularmente estabelecer períodos, eventos, localização e atores que compõem as paisagens expostas e seu valor memorialista.

...
 5 de junho de 2018
 UM DIA FESTIVO NA PRAÇA MINAS GERAIS QUE, INFELIZMENTE, O AUTOR NÃO DATOU (Pelo figurino, parece anos 60)

11 comentários
 9 compartilhamentos

Comentários

... Final dos anos 30 a início dos anos 50, 60 não parece.
 ... Pelo estilo da festa deve ser um 16 de julho ou coisa parecida.

...
 ... Alguma homenagem cívica ou um feriado nacional tendo em vista a quantidade de militares presentes. Salvo melhor juízo!
 ... Anos 60 de modo algum
 ... Mariana sempre linda! Agora temos bandas na praça todos os domingos. Amo!

... Legal nessa época a igreja de São Francisco de Assis era aberta ao público coisa que não acontece hoje em dia ...

... Parece procissão de Corpus Christi ou da Ressureição já que prevalece a roupa de gala branca.

... Reparem na organização do povo, naqueles tempos, ninguém ousava fazer bagunças. Lembro que tais momentos solenes, os alunos dos grupos escolares eram gentilmente 'convidados' para participar com as bandeirinhas do Brasil e do estado de Minas Gerais.

- 25 E embora este grupo seja bem menor, quanto aos membros que o constituem, em relação ao grupo de Taubaté, sua configuração não é menos complexa, uma vez que

seus membros são bem atuantes. Apesar de tratar-se de duas cidades distintas em vários aspectos de sua conformação¹⁴, supõe-se que a configuração complexa deste grupo se deve ao valor regularmente atribuído ao fator patrimonial na definição das imagens postadas e das coleções privadas ou institucionais de onde elas se originam.

- 26 Nesse sentido, a caracterização das cidades onde esses grupos iniciaram torna-se importante na medida em que as postagens agenciadas nos grupos insinuam ou explicitam fatores e propósitos que orientam seus projetos coletivos. No grupo de Mariana, esses propósitos foram identificados desde a postagem que expôs as motivações do seu criador e as reações e comentários ao seu texto: “juntar acervos, memórias e saudades”. No grupo de Taubaté, esses propósitos já estavam identificados no descritor que deu origem ao grupo, mas foram se constituindo e afirmando na construção e ampliação do próprio grupo. Assim, embora se possa reconhecer que o início desses grupos foi marcado por um ciclo de reconhecimentos comuns entre seus idealizadores, criadores, administradores e primeiros membros, em torno de imagens memoriais das cidades, o crescimento e a diversificação desiguais havidos em cada grupo, quanto aos membros e as postagens, inibem a possibilidade de estabelecer correspondências por ciclos homólogos entre os mesmos. Enquanto o grupo de Mariana segue, desde a criação, valorizando “fotos memorialistas”, originadas de arquivos públicos ou de colecionadores privados, o grupo de Taubaté tem sofrido alternâncias diversas nas temáticas das imagens postadas, sendo o valor memorialista recorrentemente retomado e agenciado por seus administradores.
- 27 Se a valorização do caráter memorialista das imagens postadas no grupo de Mariana pode ser afirmada como um procedimento de manutenção do grupo, inclusive justificando seu crescimento contido, é porque seus membros reafirmam constantemente uma “reciprocidade de perspectivas”¹⁵ (Schutz 2004) em torno do fator patrimonial que as legitima. Por outro lado, o crescimento acelerado e diversificado do grupo de Taubaté dificulta a manutenção dessa reciprocidade, na medida que a diversidade que o compõe fragmenta o caráter das idealizações que superam as concepções situacionais de seus membros.
- 28 Assim, na impossibilidade de estabelecer critérios de análise por ciclos homólogos entre esses grupos, buscou-se reconhecer outras características das postagens que permitissem estabelecer correspondências entre os mesmos. Daí se pôde perceber que as mesmas diferenças na manutenção ou fragmentação da reciprocidade de perspectivas entre os membros dos grupos explicitavam lógicas operantes nos grupos que permitiam tipificar os procedimentos individuais e coletivos empreendidos pelos seus membros, na manutenção dos projetos originais, ou em suas mudanças. Sobretudo, os registros de discussão que se desdobravam das orientações acerca da adequação ou inadequação das imagens postadas nas páginas dos grupos evidenciaram um campo de debates pela depuração das memórias. Esse campo de debates conforma ora consensos, ora disputas, em torno do que Ricoeur (2007: 17) denominou de “política da justa memória”, ou do que Herzfeld (2008: 10) denominou de “política de significância, na qual muita coisa depende do que se considera importante e do que é relegado ao limbo do ‘meramente’”.
- 29 Os tipos primários, no caso desses grupos, referem-se justamente aos reconhecimentos comuns das imagens memoriais das cidades, em seus ciclos iniciais¹⁶. Esses reconhecimentos confirmam a formação dos arquivos virtuais e se explicitam em um procedimento comum de interação, frente às postagens, que são os comentários: trata-

se de um procedimento/reconhecimento básico que configura a experiência de participação dos membros nos grupos, mas que se desdobra em outros tipos, segundo as repercussões dos comentários acionem operações cognitivas sobre tal formação. Interessa perceber que esses reconhecimentos ora confirmam a reciprocidade de perspectivas entre os membros associados aos projetos dos grupos, ora operam contrastes que descontinuem tal reciprocidade. Entre uma situação e outra, emergem as mediações dos administradores (nos dois casos aqui tratados), dos moderadores (no caso do grupo de Mariana), ou de membros dos grupos que se sintam capazes de esclarecer dúvidas ou resolver conflitos. Exemplo de comentários postados acerca de uma imagem:

[José Rogério Lopes](#)

19 de julho às 14:25

Foto Postal com vista parcial de Taubaté. Ao centro, Catedral e Praça. Fim da década de 1950. Recebi esta foto do [Kajita](#), que tinha estúdio na Rua do Sacramento, em 1988.

[6 comentários](#)

... Boa tarde e abraços [R...](#) fui

[Luiz Issa](#). Bela foto meu amigo !!! Estou admirando os detalhes !!!

[José Rogério Lopes](#) Esta foto tem detalhes mesmo. Imagino como seria Taubaté hoje se todos esses casarões estivessem preservados. Um centro histórico riquíssimo!

... Boa Luiz e que beleza essa ideia de resgatar a nossa própria história!!!

... Final da década de [30 ?](#)

... É, ..., eu [tb](#) acho q a foto é mais antiga... Há muita coisa faltando nessa foto, q já existia no final da década de 50...

- 30 Dessa forma, as operações cognitivas que se produzem na esfera das repercussões geradas nos comentários estipulam outros tipos de procedimento. Destacam-se três tipos reconhecidos, no acompanhamento desses grupos, seguidos de exemplos. Primeiro, as reflexividades situacionais da memória local em torno de uma imagem.

[Luiz Issa](#)

Administrador · 27 de julho às 09:45

Um das melhores coisas em postar fotos, além de contar um pouco sobre dados históricos, é ter a oportunidade de reconhecer o local, reconhecer um parente ou amigo, até mesmo se reconhecer na foto, esta não tem dados no verso, com toda certeza os amigos vão descobrir. Cabe destacar que é inédita em Redes Sociais.

Agradecer o amigo dono do Jornal ..., a oportunidade de poder postar e pesquisar fotos de Taubaté.

"Resgatando Taubaté, Ontem, Hoje e Sempre..."

Comentários

... Em 1º plano na foto...o rapaz de calças brancas, está me parecendo o saudoso Guará, locutor de rádio e TV por bons tempos.

... Deve ser algum evento Dia das Crianças.

... Belo trabalho, continue !

... linda foto

Parte inferior do formulário

- 31 Segundo tipo, a autocontratação de imagens sobre um mesmo referencial (evidenciando mudanças em uma paisagem ou cena urbana), como postado no grupo de Mariana. Embora esse procedimento também ocorra no grupo de Taubaté, ele é muito mais recorrente no grupo de Mariana, devido provavelmente ao fator patrimonial em causa nas postagens agenciadas pelos seus membros.

...

2 de junho

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE -- DOIS TEMPOS.

Fonte : Facebook.com

- 32 E terceiro tipo, os fluxos de orientação conceitual das postagens de imagens, descontinuando as orientações predominantes em um período e incitando outras séries de postagens.

...

6 de junho

Alguém teria fotos do jardim de antigamente?

- 33 Esses tipos de procedimento, ou lógicas complementares, operam na configuração regular dos grupos no Facebook, evidenciando como os propósitos iniciais dos seus criadores – e mesmo a definição oferecida aos seus membros pelo descritor da página – constituem um ciclo de reconhecimentos comuns em torno de imagens memoriais das cidades. Porém, esses propósitos e orientações são exteriorizados desde experiências individuais e impactam outras experiências individuais, na medida em que as imagens postadas e os procedimentos aqui tipificados remetem geralmente a tempos interiores de reconhecimento das imagens memoriais. Dessa forma, as operações cognitivas produzidas na esfera das repercussões dos comentários operam uma organização coletiva desses tempos interiores e categorizam as imagens “de acordo com a experiência passada e com os desejos e necessidades do presente” (Rossi 2010: 91).
- 34 Esses grupos promovem uma interação coletiva em torno das imagens, que busca evocar reminiscências, ou “atos de recordação” (Ricoeur 2007: 37), de forma a estabelecer uma técnica de conservação de memórias. E mesmo que os procedimentos primários produzam ciclos de reconhecimentos comuns das imagens memoriais, “a

memória aparecerá, cada vez mais, como uma realidade vaga, fragmentada e incompleta; o passado será concebido como ‘reconstruído’ e organizado sobre a base de uma coerência imaginária” (Rossi 2010: 96)¹⁷.

- 35 Assim, apesar dos propósitos e definições dos criadores dos grupos, são as interações efetivadas em torno das imagens postadas (como “atos de recordação” situacionais, contrastivos, ou em fluxos) que objetivam a memória da cidade ali produzida. Como já destacado por Tosi (2012: 189) “a memória é terreno [...] de conflito de interpretações e está continuamente sujeita à mudança: terreno de luta ideológica e política fundamental para a construção de identidades coletivas”.

Considerações finais: arquivos virtuais como constituição de um espírito público

- 36 As descrições e análises expostas buscaram evidenciar que a produção coletiva de arquivos virtuais públicos de imagens das cidades estabelece reflexividades sobre as memórias locais e seus regimes de valor. Dessa perspectiva, os “atos de recordação” são agenciamentos operados na lógica de um enquadramento de memória, segundo Pollack (1992: 212):

“Podemos dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”.

- 37 Ocorre que esse enquadramento é uma objetivação e

“[...] não é algo pronto, mas sim algo permanentemente construído de acordo com as configurações e contextos relativos ao grupo ao qual ela se refere, ou seja, a memória não corresponde à “reprodução” do passado, e sim à sua reconstrução permanente através de experiências vividas coletivamente” (Viveiros de Castro 2005: 87).

- 38 Aqui, Simmel (2005) complementa a concepção da reciprocidade de perspectivas de Schutz e contribui com a análise ao expressar que as tipificações de alguns fenômenos objetivam conteúdos espirituais da criação humana, em processos de cultivação cultural. O autor estabelece, em sua análise, que os processos de cultivação se assentam em objetos culturais que desenvolvem uma “significação mediadora”, em um extremo distinto daquele em que os objetos

“[...] adquirem estranhamento e isolamento em relação ao sujeito criador primeiramente em função da divisão do trabalho. Os objetos que são produzidos pela cooperação de várias pessoas constituem uma escala que leva em consideração em que medida sua unidade tem origem na intenção unitária consoante o pensamento de um indivíduo, ou em que medida ele se produz por si, sem uma tal origem consciente, a partir das contribuições parciais de várias pessoas” (Simmel 2005: 95).

- 39 Ao passar em consideração fenômenos como a construção de uma cidade, um produto fabril que resulta da atuação conjunta de trabalhadores, uma apresentação de orquestra, ou a produção de um jornal, Simmel (2005: 96) discute a questão da formação cultural desde a junção de trabalhos parciais em torno de objetos que adquirem lógica cultural.

“O que tipifica este fenômeno é o seguinte: mediante a atuação de diversas pessoas, surge um objeto cultural, que, como totalidade, como unidade com um efeito

específico, não tem nenhum produtor, não provém da correspondente unidade de um sujeito anímico. Os elementos reuniram-se como que segundo uma lógica e intenção de formação – que não foram atribuídas a ele por seu criador – interiores a eles como realidades objetivas”.

- 40 Assim, “é a lógica cultural dos objetos [...] o que impulsiona os produtos, como produtos do espírito, como se um decorresse do outro” (Simmel 2005: 98). O valor cultural apropriado aos objetos dessa síntese será atribuído de acordo com as ligações, significações e pontes que são construídas entre os sujeitos e eles. Sendo assim, o valor cultural será acrescido de forma proporcional ao acesso que os sujeitos mantêm em relação à obra, ao que podem levar dela consigo, criando assim outras sínteses e entrelaçamentos. Nesse sentido, Simmel (2005: 92) refere que “cultivação é, por um lado, uma tarefa no infinito – uma vez que o emprego de momentos objetivos para a perfeição do ser pessoal nunca pode ser visto como algo conclusivo”. Por outro lado, é importante perceber que por serem sempre compartilhadas, “as nuances da linguagem seguem esta matéria com muita precisão na medida em que cultura ligada a algo objetivo específico, cultura religiosa, cultura artística, etc. [também cultura colecionista], é normalmente utilizada não para indicar estados dos indivíduos” (Simmel 2005: 92) pois estes nunca estão dados a partir deles mesmos, e por este motivo, as definições destinam-se a “espíritos públicos – no sentido de que em uma época existem muitíssimos e impressionantes conteúdos espirituais de um determinado tipo, por meio dos quais se perfaz a cultivação dos indivíduos”. Assim, através desse espaço comum, ou seja, público, os sujeitos se constituem em sua cultura.
- 41 Por este motivo, por pertencer ao espírito público, “a grande maioria dos produtos de nossa criação espiritual contém dentro de sua significação uma certa quota que não criamos” (Simmel 2005: 96) e que escapa à relação dual entre sujeito e objeto, sendo mediada por outros sujeitos e objetos. Neste sentido, percebe-se que “antes, na imensa maioria de nossas realizações que se oferecem objetivamente, está contida uma parcela de significação que pode ser extraída por outras pessoas, mas que não havia sido introduzida por nós mesmos” (Simmel 2005: 96).
- 42 E esta significação do valor cultural no espírito público inibe a identificação de uma unidade de forma concreta em torno dos objetos culturais, “antes cada criador coloca o seu produto ao lado do dos outros como se fosse em um espaço sem limites -, resultando aquela multiplicidade de coisas, das quais cada uma, com um certo direito, tem a pretensão de tornar-se valor cultural e resulta também um desejo nosso de aproveitá-las como tal” (Simmel 2005: 104).
- 43 Esse espírito público se expressa também nesses grupos, segundo evidenciado abaixo, nas postagens.

Luiz Issa compartilhou um grupo.

Administrador · · 22 de julho de 2018.

2011

Um dos primeiros grupos que foi um dos pioneiros no Facebook em matéria de fotos antigas de Taubaté, foi o da amiga ..., divulgo para os amigos tomarem conhecimento, pois outros foram "criados outros grupos com a imagem e semelhança", e sou da opinião de que temos poucos ainda que fazem este tipo de trabalho, inclusive eu quero incentivar para que mais grupos sejam criados, quanto mais, melhor, o pessoal vai ter a oportunidade de ver e ler conteúdo sobre e exclusivamente de Taubaté. 😊)

Link é este, foi criado no ano de 2011:

<https://www.facebook.com/groups/150673321693653/search/...>

MEMÓRIAS DE TAUBATÉ

731 membros

Luiz Issa

Administrador · · 22 de julho de 2018.

Praça Dom Epaminondas em 1935.

Acervo de CB, foi publicado no grupo pioneiro de fotos antigas de Taubaté "Memórias de Taubaté", criado em 2011.

- 44 Trata-se aqui, enfim, de arquivos virtuais que permitem uma interação complexa entre criadores, administradores e membros dos grupos, que foram tipificados, na análise exposta, de forma a reconhecer alguns referenciais regulares de incentivo e dinamização das práticas colecionistas, segundo uma tendência firmada em lógicas contemporâneas de memorialização¹⁸ (Naidu 2010) das cidades. E os agenciamentos que se produzem a partir da reprodução e utilização coletiva desses arquivos ainda devem resultar em novas formas de memorialização.

BIBLIOGRAFIA

- APPADURAI, Arjun. 2008. "Mercadorias e a política de valor". In: APPADDURAI, Arjun (org.). A vida das Coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói, RJ: EdUFF, p. 15-88.
- ASSIS, João Marcus F. 2017. Arquivos: produções e reapropriações de sentidos. Observatório Itaú Cultural, São Paulo, nº 22, p. 45-54, mai./nov.
- BENJAMIN, Walter. 1994. "O narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, p. 197-221.
- BERTRAND, Michèle. 1989. O homem clivado - a crença e o imaginário. In: SILVEIRA, Paulo; DORAY, Bernard (orgs.) Elementos para uma teoria marxista da subjetividade. SP, Vértice, p. 15-40.

- CANCLINI, Néstor G. 1997. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP.
- CANDAU, Joel. 2016. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto.
- CERTEAU, Michel de. 1994. *A invenção do cotidiano* (Vol. 1: Artes de fazer). Petrópolis, RJ: Vozes.
- GOFFMAN, Erving. 2012. *Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise*. Petrópolis, Vozes.
- HEYMANN, Luciana. 2013. Arquivos pessoais em perspectiva etnográfica. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle; HEYMANN, Luciana (Orgs.). *Arquivos pessoais; reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa*. Rio de Janeiro: Editora FGV/FAPERJ, p. 67-76.
- HERZFELD, Michael. 2008. *Intimidade cultural: poética social no Estado-nação*. Lisboa, Edições 70.
- KOPYTOFF, Igor. 2008. "A biografia cultural das coisas". In: APPADURAI, Arjun (org.). *A vida social das coisas; as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Rio de Janeiro: EdUFF, p. 89-121.
- LE GOFF, Jacques. 1996. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp.
- LIMA FILHO, Manoel F. 2015. "Cidadania patrimonial". *Anthropológicas*, Recife, Ano 19, 16(2): 134-155.
- LOPES, José Rogério. 2017. *Colecionismo, arquivos pessoais e memórias patrimoniais*. Porto Alegre: Cirkula.
- LOPES, José Rogério; SILVA, Rodrigo M. D. 2018. *Colecionadores e cidadania patrimonial: os agenciamentos de arquivos pessoais em projetos memorialistas locais*. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, 21(1): 136-154, jan./jun.
- NAIDU, Ereshnee. 2010. *Da memória à ação: um kit de ferramentas para memorialização em sociedades pós-conflito*. Brasília, DF: Ministério da Justiça/Comissão de Anistia.
- NORA, Pierre. 1993. "Entre memória e história: a problemática dos lugares". *Projeto História*, Vol. 10: 7-28.
- PEREC, Georges. 2005. *A coleção particular*. São Paulo: Cosac Naify.
- POLLAK, Michael. 1992. "Memória e identidade social". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 5 (10): 200-215.
- _____. 1989. "Memória, esquecimento, silêncio". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 2 (3): 3-15.
- RICOEUR, Paul. 2007. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: EdUnicamp.
- ROSSI, Paolo. 2010. *O passado, a memória, o esquecimento; seis ensaios da história das ideias*. São Paulo: Ed. UNESP.
- SCHUTZ, Alfred. 2004. *El problema de la realidad*. Buenos Aires: Amorrortu.
- SIMMEL, Georg. 2005. "O conceito e a tragédia da cultura". In: SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold (orgs.) *Simmel e a modernidade*. 2.ed. Brasília: EdUNB, p. 77-106.
- TOSI, Giuseppe. 2012. "Memória, História e esquecimento: a função educativa de memória histórica". In: RUIZ, Castor Bartolomé M. M. (Org.). *Justiça e Memória. Direito à justiça, memória e reparação: A condição humana nos estados de exceção*. São Leopoldo, RS: Casa Leiria: Passo Fundo: IFIBE, p. 177-196.
- TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle; HEYMANN, Luciana (Orgs.). 2013. *Arquivos pessoais; reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa*. Rio de Janeiro: Editora FGV/FAPERJ.

VAN VELSEN, Jaap. 1987. “A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado”. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.) *Antropologia das sociedades contemporâneas; métodos*. São Paulo: Global, p. 345-372.

VELHO, Gilberto. 1987. *Individualismo e cultura; notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2005. *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.

YÚDICE, George. 2006. *A conveniência da cultura; usos da cultura na era global*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

NOTAS

1. O autor agradece ao CNPq pelo financiamento do projeto cujos dados são aqui parcialmente analisados.

2. Dessas demandas, destacaram-se três perspectivas complementares: 1. dos agenciamentos de atores que imprimem registros de experiências pessoais nos mais distintos objetos, na configuração de bens patrimoniais e coletivos; 2. das transformações do caráter de memorialização, ancestralidade e identidade nas coletividades pesquisadas, frente aos processos de patrimonialização, em busca de reconhecimento e direitos; 3. das possibilidades de registro metodológico das práticas colecionistas, de forma a evidenciar as transformações operadas nos suportes das memórias coletivas em contextos urbanos.

3. O autor elabora a noção para expressar aquilo que guia a recepção de uma imagem por parte de um público, provendo aos sujeitos, envolvidos em ditos contratos, de um ver e um dizer que marca sua recepção de uma obra determinada. O livro *A coleção particular*, de Georges Perec (2005), apresenta elementos que permitem compor uma compreensão ampliada dessa percepção, na medida em que o autor elabora uma trama narrativa que expõe os processos de publicização das coleções de arte, nos quais os “contratos de visibilidade” subvertem as formas de ver e dizer algo sobre as mesmas.

4. A noção de ilusão situacional está baseada na elaboração de Michele Bertrand (1989). Afirma a autora que “agir não é apenas fixar um objetivo racional, é colocar em funcionamento um poder de imaginação” (1989: 25). Ao produzir-se algo, age-se sobre si mesmo, criando e transformando-se. Empenhados em transformar o mundo, podem os homens não se aperceberem de sua própria transformação, de modo consciente. Assim, a ilusão é uma necessidade subjetiva, para suscitar a idealização, a identificação e o envolvimento com um projeto. Geralmente, a situação em que se iniciou uma coleção, entre os sujeitos com quem pesquisei, apresentava esse funcionamento de um poder de imaginação, relacionado a um ciclo de vida determinado. Já a trajetória dos colecionadores evidenciava que, de uma ilusão situacional puramente subjetiva, o projeto colecionista passava a: “expressar-se através de uma linguagem que visa o outro, é potencialmente público. Sua matéria-prima é cultural e, em alguma medida, tem de ‘fazer sentido’, num processo de interação com os contemporâneos, mesmo que seja rejeitado” (VELHO, 1987, p. 27).

5. Márcio E. de Souza, inclusive, relatou que muitas das primeiras fotos a serem postadas tinham sido doadas por ele e selecionadas de seu arquivo pessoal, o que foi confirmado, posteriormente, em uma postagem do administrador da página.
6. Todavia, essa mudança implicou em manter algumas orientações elaboradas por Heymann (2013: 67), sobretudo, a que “sugere deslocar a atenção dos documentos para os processos de constituição desses arquivos [indo] além dos gestos individuais de seleção e guarda dos registros”.
7. No período da entrevista, inclusive, o administrador da página difundiu a realização de pesquisas universitárias sobre o grupo, incluindo a que resultou neste artigo.
8. Disponível em: www.facebook.com/groups/resgatandotaubate (Taubaté, SP). Acesso em 20/03/2020.
9. Atualização em 03/06/2020: 48.130 membros.
10. As citações de Luiz Issa referem-se a uma entrevista realizada com o mesmo pelo aplicativo Messenger, entre 16 e 20/07/2018.
11. Disponível em: : <https://www.facebook.com/groups/marianadofundodobau/about> (Mariana, MG). Acesso em 18/02/2020.
12. Atualização em 03/06/2020: 6.928 membros.
13. As citações sobre a página referem-se a postagens publicadas pelos administradores e seus membros, entre 2014 e 2018.
14. Taubaté é um centro urbano industrial situado à margem da Rodovia Presidente Dutra, na Região Metropolitana do Vale do Paraíba, estado de São Paulo, com população estimada de 305.174 habitantes, em 2016 (disponível em: <http://www.taubate.sp.gov.br/taubate/dados/>). Mariana é um município que preserva um centro histórico tombado pelo IPHAN, cujas principais atividades econômicas são mineração, turismo cultural e comércio e está situado na Serra do Espinhaço, estado de Minas Gerais, com população estimada de 60.142 habitantes, em 2019 (disponível em: <http://www.mariana.mg.gov.br/dados-demograficos>).
15. A reciprocidade de perspectivas na concepção fenomenológica de Schutz (2004: 42-44) é uma tese geral que deriva do fato de cada um de nós pressupor a existência de outras inteligências semelhantes que são as pessoas. Mas cada um de nós se encontra em um “lugar” físico e social diferente daquele das outras pessoas, assim como sua situação biograficamente determinada é diferente daquela dos outros. Segundo o autor, essas diferenças nas perspectivas individuais são superadas pelo pensamento do sentido comum mediante duas idealizações básicas: a) a idealização da intercambialidade dos pontos de vista: pressuponho que se eu trocar meu lugar com o de meu semelhante, as coisas permaneceriam na mesma distância e tipicidade de como agora aparecem a ele; b) a idealização da congruência do sistema de significatividades: pressuponho que as diferenças de perspectivas originadas pelas diferentes situações biográficas não são significativas para o propósito, isto é, que tanto o outro como eu (“Nós”) interpretamos os objetos por uma maneira idêntica, pelo menos com referência a fins práticos. Através dessas duas idealizações gera-se uma tipificação do mundo objetiva, uma construção de objetos de pensamento que substitui os objetos de pensamento da minha experiência particular e a do outro. A objetividade dessa tipificação resulta do fato de ela surgir ao final não somente entre eu e outra pessoa específica, mas entre eu e o conjunto das pessoas com que me relaciono.
16. Esses reconhecimentos são associados aos ciclos iniciais de formação dos grupos, gerando representações recíprocas do valor patrimonial das imagens. Porém, toda vez que as postagens instalam descontinuidades nessa reciprocidade de representações, os administradores tendem a restaurá-la com algum procedimento.

17. E Rossi (2010: 98) complementa: “A memória como arte serve para introduzir ordens e regularidades nas mentes, tem o escopo de organizar os pensamentos e os discursos”.

18. Segundo Naidu (2010:11), “memorialização refere-se a processos através dos quais a memória se perpetua”.

RESUMOS

O artigo descreve um itinerário de pesquisas recentes sobre práticas colecionistas e destaca um recorte que propõe abordar as práticas coletivas de postagem de imagens de cidades na web, gerenciadas por colecionadores, que visam constituir arquivos virtuais públicos e estabelecer reflexividades sobre as memórias locais e seus regimes de valor. Para tanto, analisa os agenciamentos operados coletivamente em duas cidades, através de páginas no Facebook (Mariana, MG; Taubaté, SP). O foco da análise objetiva evidenciar que, para além dos agenciamentos das memórias locais e seus propósitos, tais arquivos virtuais públicos configuram um campo coletivo de criação, através de procedimentos que se tipificam, incentivam e dinamizam uma cultivação das práticas colecionistas.

The article describes an itinerary of recent researches on collecting practices, while it highlights a cutout that proposes to address the collective practices of posting images of cities on the web, managed by collectors, which aim to establish public virtual archives and establish reflexivity on local memories and their value regimes. Therefore, it analyzes the agencies operated collectively in two cities, through Facebook pages (Mariana, MG; Taubaté, SP, in Brazil). The focus of the analysis aims to show that such public virtual archives constitute a collective field of creation, through procedures that typify, encourage and dynamize the cultivation of collecting practices.

ÍNDICE

Keywords: collections, virtual archives, public assemblages, cultivation

Palavras-chave: coleções, arquivos virtuais, agenciamentos públicos, cultivação

AUTOR

JOSÉ ROGÉRIO LOPES

Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Prof. Titular do PPG em Ciências Sociais da Unisinos (RS) e Professor do PPG em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Tocantins. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: jrlopes@unisinos.br